

**DO SAGRADO AO PROFANO: REFLEXÕES SOBRE ÉTICA, MORAL E RELIGIOSIDADE NA ARTE REAL**  
**FROM SACRED TO PROFANE: REFLECTIONS ON ETHICS, MORALS AND RELIGIOSITY IN REAL ART**

Valerio de Oliveira Mazzuoli <sup>1</sup>

**RESUMO:** A proposta deste artigo é compreender de onde viemos, o que somos e para onde vamos enquanto maçons. O estudo parte do princípio da Iniciação e sua simbologia e analisa o que representa o “chamado” à Ordem e quais os caminhos para a evolução maçônica. O estudo conclui que a caminhada maçônica depende tanto do auxílio da Loja quanto do esforço pessoal do obreiro, sem o qual nunca se alcançará a Luz.

**Palavras-chave:** Maçonaria. Iniciação. Câmara de Reflexões. Caminho espiritual. Rito Escocês Antigo e Aceito.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to understand where we came from, what we are and where we go as Freemasons. The study starts from the principle of Initiation and its symbology and analyzes what represents the “call” to the Order and what the directions to Masonic evolution. The study concludes that the Masonic walk depends both on the help of the Lodge and on the personal effort of the worker, without which the Light will never be reached.

**Keywords:** Freemasonry. Initiation; Chamber of Reflections; Spiritual Evolution; Ancient and Accepted Scottish Rite.

---

<sup>1</sup> Membro da Loja Conquista e Integração nº 8, jurisdicionada ao Grande Oriente do Estado de Mato Grosso – GOEMT. Assessor e Consultor Jurídico do GOEMT. E-mail: [mazzuoli@terra.com.br](mailto:mazzuoli@terra.com.br).

## 1. INTRODUÇÃO

As indagações que esta investigação pretende responder – De onde viemos? O que somos? Para onde vamos? – têm abrangência universal tanto no mundo maçônico quanto no plano profano. À evidência que aqui não caberia – nos propósitos limitados desta exposição, destinada à apresentação em Loja no grau de Aprendiz Maçom – perquirir sobre as origens da humanidade, a compreensão do homem enquanto ser vivo e o seu futuro após a morte, à luz do entendimento profano<sup>2</sup>.

O que este ensaio pretende é, a seu turno, indagar (i) de onde viemos, no ideário maçônico, (ii) o que somos, à luz dos princípios maçônicos e (iii) para onde vamos, segundo os preceitos da maçonaria. Esses são os três eixos sobre os quais buscaremos lançar, doravante, as nossas reflexões, à base da simbologia estrita do Primeiro Grau.

De início, cumpre esclarecer que, sob a ótica maçônica, tudo quanto diz respeito ao ser humano é devido à obra do Grande Arquiteto do Universo. Assim, a criação do universo, da espécie humana (também sua evolução) e o destino que lhe é traçado são frutos dessa intervenção superior, sem a qual não existiríamos e, portanto, nada seríamos. De fato, não se poderia, sendo Maçons, entender de modo diverso, especialmente à luz do Landmark nº 19 de Albert G. Mackey, para o qual a crença na existência de um Grande Arquiteto do Universo é requisito imperativo e irremovível para toda Iniciação.

Portanto, é premissa fundamental para que se respondam às indagações propostas nesta investigação que (i) se acredite nessa Força Superior, inalcançável aos humanos, dotada de onipotência, onipresença e onisciência, e (ii) se conheça a simbologia afeta ao Primeiro Grau, que fundamenta a análise que ora nos ocupa.

As respostas às indagações partirão do princípio da Iniciação, por ser esta a origem – o início da caminhada – da vida maçônica, a partir da qual a lapidação do Obreiro tem o seu devido começo, com os seus correspondentes consecratórios.

## 2. DE ONDE VIEMOS, NO IDEÁRIO MAÇÔNICO?

Pode-se considerar a Maçonaria como uma “escola de formação ética” (BAILEY, 2015, p. 9), no seio da qual são

desenvolvidas várias virtudes do ser humano, com o devido abandono dos vícios. A sua finalidade é, como doutrina a Ordem, fazer “crescer” o homem, tanto intelectual como espiritualmente. Por isso, a sua compreensão deve, obrigatoriamente, passar pela compreensão do indivíduo enquanto ser dotado de razão e de consciência, com suas múltiplas potencialidades, sem as quais a Arte Real não lograria o devido desenvolvimento.

É, portanto, com o burilamento das potencialidades dos obreiros que a Arte Real se desenvolve no mundo, volvendo, em consequência, para o coletivo maçônico, as virtudes necessárias ao progresso de cada qual de seus integrantes. Trata-se de uma via retroalimentada, dialógica, em que o esforço dos obreiros alimenta a Ordem, e as luzes retornam aos irmãos no momento oportuno.

O crescimento do homem nessas potencialidades permite, a um só tempo, o seu próprio desenvolvimento (impacto imediato) e, também, a melhoria das condições de convivência de toda a sociedade (impacto mediato). Esse derradeiro aspecto é plenamente compreensível, à medida que o maçom está inserido em uma dada sociedade no mundo profano, seja em qual entorno geográfico for, pois nela vive com sua família, labora e mantém relações sociais de toda ordem. Assim, à medida que o Obreiro cresce – moral e espiritualmente – na maçonaria, também faz impregnar tais conhecimentos na sociedade em que vive, contribuindo para a melhoria da convivência social em seu mais amplo sentido.

No ideário maçônico, repita-se, todos proviemos da vontade criativa do Grande Arquiteto do Universo, em razão de sua infinita bondade, para que possamos evoluir no mundo terreno e auxiliar no desenvolvimento da pátria e da sociedade. No entanto, para que seja possível a alguns homens aperfeiçoarem as suas características morais e intelectuais, necessário se faz a Iniciação, por meio de chamado sigiloso, sob rigorosa sindicância, de Profano indicado por proposta de determinado Mestre.

Os Profanos indicados para o ingresso na Ordem devem ser livres, ter costumes

---

<sup>2</sup> Para uma visão profana do tema, v. HARARI, 2020.

éticos e não discriminatórios, reputação ilibada, instrução suficiente para compreender, aplicar e difundir os ideais maçônicos, profissão ou meio de vida lícito, capacidade financeira para sustentar os encargos familiares e da Instituição e, sobretudo, crer a existência de um Superior Ente Criador, que é Deus<sup>3</sup>.

### 2.1. Chamamento à Ordem

O chamamento do Profano à Ordem visa agregar alguém de qualidade moral e intelectual aos trabalhos da Oficina, para o fim de – a exemplo do que responde o 1º Vigilante à indagação do Venerável Mestre sobre para que os irmãos se reúnem no Templo – “combater o despotismo, as tiranias, os preconceitos, as injustiças, a ignorância e os erros; para promover o triunfo da Verdade, da Liberdade e da Justiça; para pugnar pela evolução do Homem, o bem-estar da Pátria e da Humanidade, levantando Templos à Virtude e cavando masmorras ao vício” (GOETM, 2017, p. 40).

Portanto, alguém que remanesça despótico, tirano, preconceituoso ou ignorante não tem os atributos necessários para o ingresso na Ordem, o que deverá ser, rigorosamente, verificado por ocasião da sindicância, reprovando-se o nome do indicado em Loja.

No ideário maçônico, somos chamados à Ordem por essa vontade interna da Loja de agregar mais um Obreiro livre e ético ao seu trabalho de lapidação da Pedra Bruta, para o fim de desenvolver, moral e intelectualmente, o Homem e fazer progredir a Pátria e a Humanidade. Assim, é possível dizer que todo maçom é um “eleito” para o trabalho na Oficina, tornando-se – se concretizado esse trabalho – um escolhido especial para a Ordem, dadas as suas qualidades éticas e morais. Daí se entender, conforme a literatura maçônica, que uma das finalidades da Maçonaria é “pinçar” do mundo profano os futuros “escolhidos” (pela inspiração Divina), para o fim congregá-los numa única família, aperfeiçoando, assim, o ser humano (cf. CAMINO, 2016, p. 14).

Não pode haver, nesse chamado e ingresso, qualquer discriminação à pessoa relativa a características suas alheias à sua

verdadeira índole, ao seu valor enquanto cidadão de bem e à sua honra objetiva. Se havia, no passado, discriminações para o ingresso na maçonaria, atualmente – de acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e com as leis vigentes em nosso País – não se pode suscitar de violações a direitos de qualquer espécie. Formalmente, a Loja maçônica é uma associação civil sem fins lucrativos, com registro em Cartório e sujeita, portanto, ao controle do Estado. Se há “qualidades” essenciais para ser Maçom, tais atributos deverão ser verificados apenas sob o aspecto necessário aos trabalhos em Loja, sem atentado às normas vigentes no Estado. Ademais, não obstante ser a maçonaria uma instituição que segue uma tradição, não há dúvidas – como destaca Da Camino – de que “não temos essa tradição como camisa de força, porque a Maçonaria evolui acompanhando a do homem; caso contrário surgiriam distorções e situações ridículas, retornando ao pensamento da Idade Média, para não fixar data muito anterior!” (CAMINO, 2013, p. 33).

Se a maçonaria pretende contribuir para com o Estado e para com a sociedade, deve, portanto, “pescar” na sociedade aqueles indivíduos, livres e de bons costumes, com capacidade e bondade para contribuir para com os trabalhos da Ordem (BAYLEI, 2015, p. 81). Esse “pinçamento” que se faz dos Candidatos há de levar em consideração a índole da pessoa e o seu real interesse em contribuir para com a Ordem. Em suma, esse chamamento, independentemente do motivo de facto que levou à busca do Candidato para os quadros da Loja, visa lapidar os seus membros para a obra que deverão realizar no mundo, cultivando as virtudes necessárias para essa profissão de fé (LEADBEATER, [s.d.], p. 144).

### 2.2. Iniciação, “morte” profana e “renascimento” maçônico

A simbologia da Iniciação visa fazer despertar no postulante o renascimento – “re-ligação”, assim como na religião – para uma nova vida, o que se dá, notadamente, quando o ingressante redige o testamento iniciático na Câmara de Reflexões. No testamento, de fato, o postulante assume o compromisso de empreender novo trabalho,

---

<sup>3</sup> Cf. Art. 5º do Regulamento-Geral do GOEMT (Lei Complementar nº 1, de 29.06.98).

moral e espiritual, como Obreiro da Oficina, a partir da nova jornada que pretende iniciar na Loja.

O ingressante, durante o tempo que passa refletindo na Câmara de Reflexões, “morre” para o Mundo Profano e começa a ser “gerado” para o Mundo Maçônico, “nascendo” enquanto Maçom, finda a Iniciação. Trata-se, à evidência, de um “recém-nascido” no labor da Arte Real, cujos trabalhos dar-se-ão por meio de processo intuitivo (Cf. CASTELLANI, 1987, p. 50). A escuridão da Câmara, a lembrar uma catacumba, gélida e isolada do mundo, é símbolo das trevas pertencentes ao mundo profano, razão pela qual ali se encontram signos da morte, como o crânio e o prato de cinzas. Toda essa simbologia auxilia no referido “renascimento” do ingressante, bem assim na concepção que passará a ter das obrigações assumidas a partir daquela ocasião.

Também, naquele momento da Iniciação, é importante o significado que tem o acrônimo V.I.T.R.I.O.L. estampado no muro da Câmara, cujo significado é “*Visita interiora terræ, rectificando, invenies occultum lapidem*”, ou, no vernáculo: “Visita o centro da terra e, retificando [polindo, desbastando], encontrarás a pedra oculta [ou filosofal]”. O acrônimo leva à importante reflexão (o postulante, é certo, só saberá desse significado posteriormente) de que há mistérios profundos e ocultos na natureza que devem ser descobertos, e que poderá não ter o postulante as virtudes necessárias para compreendê-los em seu percurso formativo (GALLO, 2018, p. 72). Daí a importância de “descer ao centro da Terra” para, compreendendo-se a si próprio, ultrapassar o pequeno conhecimento profano das coisas e embrenhar-se nos conhecimentos mais profundos (ocultos) do mundo maçônico.

A “morte” na Câmara de Reflexões é necessária para esse “renascimento” – tal é exatamente, o sentido do termo “neófito” nesse contexto (PESSOA, 2015, p. 132) – puro e desprendido, tal o do infante ao vir à luz, pois nada tem de valor (o candidato é despido de todos os seus metais, como sinal de pobreza edênica) e depende de tudo e de todos para dar os seus primeiros passos (cf. ADOUM, 2013, p. 114-116; CAMINO, 2016, p. 151). O postulante há de ser, portanto, “pobre”, pois de nada lhe valerão os metais à compreensão dos ensinamentos que irá receber; nenhuma importância terão os seus bens para o empreendimento – a jornada – que ali se inicia; nada se compra,

ademais, no momento da Iniciação, pelo que qualquer valor que o ingressante consigo porte será absolutamente dispensável. De fato, como destaca Leadbeater, “quem entra na senda oculta não *possui* absolutamente nada; e ainda que maneje grandes riquezas e valiosos interesses, não deve considerá-los como propriedade pessoal nem retê-los para desfruto ou benefício de seu separado eu” (LEADBEATER, [s.d.], p. 149-150).

Esse “morrer” para a vida profana retrata, em suma, a saída da escuridão para o encontro de um novo mundo, iluminado e doravante voltado à lapidação moral e intelectual do postulante, cuja característica intrínseca é a de ser um cidadão “livre e de bons costumes”, na concepção já ilustrada. Num outro sentido, a Câmara de Reflexões convida o postulante a aprofundar-se no seu eu interior, assim entendido o seu âmago profano, viciado e maculado por um mundo moralmente pobre e sem virtudes. A simbologia da sala e as inscrições que nela se apresentam – cujo significado, repita-se, é ainda desconhecido do pretendente – formam, em suma, a atmosfera perfeita para esse momento de reflexão consigo mesmo.

Na Iniciação, o pretendente sai de seu estado “imperfeito” para (começar) renovar-se espiritualmente, deixando de lado as imperfeições rumo à sublimação. Do ponto de vista psicológico, o Aspirante, na Iniciação, é convidado e estimulado a um importante exercício do autocontrole, fixado à base da compreensão do “Eu”, tanto (i) pela autocompreensão da consciência e da vontade que dominam as funções psicológicas, quanto (ii) pela lei da psicodinâmica, que permite transformar a energia psíquica em atos concretos e (iii) da força da descoberta das próprias potencialidades latentes e dos meios de utilizá-la também a favor da sociedade (GALLO, 2018, p. 66).

A experiência da morte simbólica, para a maçonaria, leva, também, à conscientização sobre a temporalidade biológica do homem e a conseqüente necessidade de renovação interior, abrindo-se o espírito para a consciência cósmica (QUEIROZ, 2016, p. 43). Essa simbologia representa, a um só tempo, (i) o apagar do passado profano, (ii) o começo da caminhada que se inicia (grau após grau) e (iii) a vitória da luz sobre as trevas.

Realizadas as várias provas e viagens simbólicas, desvendam-se os olhos do Recipiendário – aquele que já passou pela Câmara de Reflexões e está prestes a se tornar um Aprendiz Maçom – e acendem-se

as luzes do Templo<sup>4</sup>. O novel ingressante passa a ver a luz – com os irmãos empunhando espadas dirigidas a ele, representativas das dificuldades que o Iniciado terá em sua jornada – e a tomar consciência de que “veio à luz” (“nasceu”, portanto) pela nova vida que ali se inicia, momento a partir do qual poderá começar a compreender os mistérios da Ordem.

Em razão disso, os irmãos que empunhavam as espadas, notando a firmeza de propósitos do Recipiendário, permitem fazer cair as máscaras e baixam as espadas, demonstrando que as dificuldades passadas foram vencidas pelos desígnios da Fé (cf. ADOUM, 2013, p. 130). Ao final desse ritual, com o discurso do Orador, o Neófito passa a ser, dali em diante, um Aprendiz Maçom.

### 2.3. De onde viemos, então?

A resposta à primeira indagação se dá a partir da compreensão (i) do chamamento do escolhido à Ordem e (ii) do “renascimento” do Neófito para a vida maçônica. Se, portanto, há um “chamado” – sob inspiração Divina – ao serviço de Obreiro e, depois, um “renascimento” para a vida maçônica, conclui-se que a vinda do Profano à Ordem decorre de uma vontade – desde a proposta do nome do Candidato por um Mestre, sua sindicância etc. – externada pela Loja e guiada pelo Grande Arquiteto do Universo, para que o postulante some esforços à Oficina, visando à melhoria dos trabalhos em Loja, do próprio indivíduo, de sua família e de toda a sociedade.

## 3. O QUE SOMOS, À LUZ DOS PRINCÍPIOS MAÇÔNICOS?

A partir da Iniciação todo maçom se torna um Obreiro, destinado a trabalhar na Loja para desbastar a Pedra Bruta e evoluir, moral e intelectualmente. À luz dos princípios maçônicos, portanto, todo Obreiro é – sem abandonar a antropogênese natural de sua origem – um trabalhador em busca da Verdade, base de toda virtude e sabedoria (Cf. PIKE, 2015, p. 39-40).

É por essa razão que todo maçom, mesmo tendo atingido o grau máximo de seu Rito, continua a ser um aprendiz, dada a incapacidade humana de absorver todo o conhecimento necessário ao conhecimento da Verdade. Daí se dizer serem os Obreiros eternos aprendizes (“aprendizes” grafado

com letra minúscula) em busca do conhecimento, como se verá abaixo (v. item 3.2, infra).

### 3.1. Verdade e “religião” maçônica

Apenas o Grande Arquiteto do Universo é a Verdade absoluta, pois é Divindade. Em João 14:6 está escrito: “Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”. Na busca dessa Verdade, assim, é que nos reunimos semanalmente em Loja, invocado, para o início dos trabalhos, a presença do Grande Arquiteto do Universo, com a abertura do Livro da Lei e a leitura do Evangelho de São João, Capítulo I, Versículos 1 a 5, *verbis*:

1. No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. 2. Ele estava no princípio com Deus. 3. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. 4. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. 5. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.

Os Versículos acima – notadamente o 4º e o 5º – remetem à luz e às trevas, ressaltando a dualidade (apresentada, agora, ao Aprendiz) entre o bem e o mal, o certo e o errado, a virtude e o vício, o positivo e o negativo, o dia e a noite, o céu e a terra, a vida e a morte<sup>5</sup>. Demonstrem, ainda, a criação de tudo por Deus, e o princípio de que sem Ele nada se concretiza, pois há hierarquia de Deus (Luz) sobre todas as coisas, resplandecendo na escuridão (trevas).

Na quinta instrução que o Ritual do Aprendiz Maçom (Rito Escocês Antigo e Aceito) apresenta aos Iniciados há um questionamento feito pelo Venerável Mestre ao 1º Vigilante sobre o que é Maçonaria, ao que o 1º Vigilante responde: “Uma associação íntima de homens escolhidos, cuja doutrina tem por base o Grande Arquiteto do Universo, que é Deus”. Ato contínuo, inquirido pelo Venerável Mestre sobre quais são os deveres do Maçom, resta a cargo do 2º Vigilante responder o seguinte: “Honrar e venerar o Grande Arquiteto do Universo, a quem agradece, sempre, as boas ações que pratica para com o próximo e os bens que lhe couberem partilhar” (GOEMT, 2017, p. 177).

O Delta Luminoso sobre o trono do Venerável Mestre sugere que Deus está presente às sessões da Loja, tendo o “Olho”

<sup>4</sup> O Templo tem imenso significado na Iniciação, especialmente no que tange ao caminho seguido pelo Sol do nascente ao poente. Sobre essa simbologia no antigo Egito, v. SOUSA, 2009, p. 120 e ss.

<sup>5</sup> Sobre como o Aprendiz deve aprender o mistério da dualidade, v. ADOUM, 2013, p. 176-179.

central por observador – em vigília permanente – dos trabalhos dos irmãos. A finalidade desse simbolismo é fazer compreender aos Obreiros que as determinações Divinas devem conduzir todos os trabalhos em Loja. Como explica Da Camino, no Livro Sagrado o maçom encontra a “palavra” e, no Delta Luminoso, a “presença” de Deus (CAMINO, [s.d.], p. 116).

Há autores que defendem a tese – minoritária e não aceita oficialmente por vários Orientes do Brasil – de que, ao invocar a proteção do Grande Arquiteto do Universo e erguer-lhe preces, se estaria prestando, em Loja, verdadeiro “culto”, pelo que tal seria, então, uma “religião” (CAMINO, 2016, p. 153). Em verdade, contudo, não se trata de religião, senão apenas de religiosidade maçônica, que é questão distinta. Assim, a maçonaria é uma organização religiosa (dotada, portanto, de espiritualidade) sem ser propriamente uma religião. Trata-se de instituição espiritualista porque reconhece, oficialmente, um Ser Supremo, que é o Grande Arquiteto do Universo, sem o qual nenhum Profano pode ser iniciado.

Todas as Lojas contam, obrigatoriamente, com um Livro da Lei no Altar dos Juramentos, que é um livro religioso, apenas variando este a depender do entorno geográfico em que a Loja se encontra. Nesse sentido, há expressa previsão, no Landmark nº 21, de que, “[e]m Loja, é indispensável a presença, no Altar, de um Livro da Lei, no qual supõe-se, conforme a crença, estar contida a vontade do Grande Arquiteto do Universo”, o qual “pode variar conforme o credo”. A par disso tudo, a maçonaria tem na figura de São João a de padroeiro da Ordem<sup>6</sup>.

Outro motivo pelo qual a maçonaria é religiosa, apesar de não ser religião, liga-se ao fato de ser incoerente – até mesmo impossível – ter (e seguir) o Obreiro duas religiões distintas: a sua religião de origem (cristianismo, judaísmo, islamismo, hinduísmo, budismo etc.) e a “religião” maçônica. Fosse religião a maçonaria, não haveria permissão para que o seu membro professasse outra fé; não haveria qualquer possibilidade de manutenção da religião que o integrante anteriormente adotara. A maçonaria, pelo contrário, não discrimina e

não interfere na religião de cada qual, não fazendo acepção a qualquer delas, dado que aceita em seu seio todas as crenças e credos, indistintamente.

Os Grandes Orientes do Brasil têm seguido expressamente a orientação segundo a qual a maçonaria não é uma religião. Em nosso entorno particular, é esse o entendimento do GOEMT, como se abstrai de suas publicações oficiais, *verbis*:

A Maçonaria é uma religião? Não. A Maçonaria não é uma religião. É uma sociedade que tem por objetivo unir os homens entre si. União recíproca, no sentido mais amplo e elevado do termo. E nesse seu esforço de união dos homens, admite em seu seio pessoas de todos os credos religiosos sem nenhuma distinção (GOEMT, [s.d.], p. 8).

A maçonaria não é uma religião justamente por aceitar todas as religiões, sem discriminação a qualquer delas. Na maçonaria, todas as fés são aceitas e respeitadas, não se fazendo acepção de uma relativamente às outras. Tanto é assim que Livro da Lei poderá ser tanto a Bíblia – nos países de tradição cristã, como o Brasil – quanto vários outros compêndios sagrados, como o Bhagavad-Gîtã, nos países hindus<sup>7</sup>, e o Alcorão, nos países islâmicos<sup>8</sup>, para citar apenas alguns deles.

Frise-se que, no Rito Moderno, não é costume haver nas Lojas tanto o Altar dos Juramentos quanto o Livro da Lei, pois, como explica Castellani, “no seio da heterogênea sociedade que, fraternalmente, frequenta as lojas, poderemos encontrar católicos, protestantes, espíritas, judeus, muçulmanos, budistas, xintoístas, etc., cada grupo com suas crenças, suas leis morais e seus livros sagrados, não sendo justo o desrespeito à liberdade de consciência, através da imposição de um padrão religioso a uma sociedade ligada pela fraternidade, pela moral, pelo respeito mútuo, pelo amor ao próximo e pela liberdade, e não, necessariamente, pelas crenças religiosas” (CASTELLANI, 1987, p. 64). Da mesma maneira, ainda segundo Castellani, foi suprimido em tal rito “o Altar dos Juramentos, pois o rito Moderno, dentro da linha de respeito às crenças individuais, não obriga o maçom a jurar fidelidade a um padrão religioso, que pode não ser o seu” (CASTELLANI, 1987, p. 64).

Tais constatações somadas demonstram, não há dúvidas, que a maçonaria é uma

<sup>6</sup> Tratar-se-ia de São João Batista, cuja festa patronômica ocorre em 24 de junho, e não de São João Evangelista, cuja festa respectiva dá-se em 27 de dezembro. Cf. AGUIAR, [s.d.], p. 113-115 [capítulo “São João”]. Alguns, no entanto, entendem tratar-se de

São João de Jerusalém (ou São João Esmoler), canonizado pelo Papa, no século VII.

<sup>7</sup> Como a Índia, o Nepal, Bangladesh e o Paquistão.

<sup>8</sup> Como a maioria dos países do Oriente Médio e Norte da África.

instituição dotada de religiosidade plúrima em termos de crenças, com ínsita espiritualidade em seus trabalhos, sob a invocação obrigatória da proteção do Grande Arquiteto do Universo. Se um Obreiro, no curso da vida maçônica, muda de religião, nenhum impacto negativo recai sobre a Loja. Ao contrário, passa-se a aceitar o irmão com a sua nova profissão de fé. O que não se permite, à evidência, é descrever em Deus, pois haveria, nesse caso, violação de imperativo Landmark da Ordem.

Nesse respeito para com todas as fés e crenças é que reside, em suma, a beleza da religiosidade maçônica, exatamente por enxergar no outro o seu espelho, mas sem pretender sobrepor-se à fé e às crenças de quaisquer dos irmãos.

Ainda que várias características comuns existam entre a maçonaria e as religiões conhecidas, como (no Rito Escocês Antigo e Aceito) a existência de um Templo, de um Altar dos Juramentos e de ritos litúrgicos obrigatórios, nada faz com que, em suma, uma “religião maçônica” se imponha, senão apenas a religiosidade (espiritualidade) que dentro da Loja emana. Faz muito sentido, portanto, a afirmação de que “[a] maçonaria é essencialmente Espiritualista” (D’ELIA JUNIOR, 2007, p. 185).

A propósito, até mesmo juridicamente se nega à maçonaria a condição de “religião”, sendo conhecido o caso em que o Supremo Tribunal Federal (STF) negou à Grande Loja Maçônica do Rio Grande do Sul a imunidade tributária prevista no artigo 150, inciso III, alínea b, da Constituição da República Federativa do Brasil, dispositivo que veda à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios “instituir impostos sobre templos de qualquer culto”. Segundo a decisão do STF, “[a] imunidade tributária conferida pelo art. 150, VI, b, é restrita aos templos de qualquer culto religioso, não se aplicando à maçonaria, em cujas lojas não se professa qualquer religião”<sup>9</sup>.

Compreender, portanto, que a maçonaria não é religião, não obstante ter religiosidade, tem notável conotação positiva, pois impede qualquer tipo de discriminação ente os irmãos que professem religiões distintas, sejam quais forem. Se, por exemplo, uma dada religião discrimina determinada característica da pessoa, por entendê-la contrária aos seus

preceitos, tal não pode existir no ambiente e nos Templos maçônicos, dado o princípio do não preconceito existente na Ordem, tal como responde o 1º Vigilante à indagação do Venerável Mestre sobre para que nos reunimos no Augusto Templo: “Para combater o despotismo, as tiranias, os preconceitos, as injustiças, a ignorância e os erros...” [grifo nosso].

Em suma, a religiosidade (não religião) maçônica é o elo que conecta a religião professada pelo Obreiro com o seu trabalho em Loja, independentemente de se alterar no tempo a fé originária. É também o vínculo de tolerância com a religião dos seus irmãos de Ordem, que podem ser cristãos, judeus, muçulmanos, hindus etc.

*Tout court*, a crença inabalável no Grande Arquiteto do Universo é que realmente tem importância para a busca da Verdade e para o crescimento moral e intelectual de todos os Maçons, mesmo não sendo propriamente “religião” o que se professa em Loja.

### 3.2. “Eterno aprendiz” versus “eterno aprendizado”

No âmbito desse ambiente espiritualizado, que é a Loja Maçônica, o que se irá fazer é laborar para desbastar a Pedra Bruta. Esse labor, contudo, não se dá apenas no ambiente íntimo maçônico, senão em todos os passos que dá o maçom em sua vida maçônica e profana.

Quando se diz, contudo, que o maçom é um eterno aprendiz (repita-se: “aprendiz” grafado em minúscula) não se pretende dizer que a elevação a graus superiores esteja sempre à base de um vínculo com o Primeiro Grau Maçônico; que o aumento de salário proporcione apenas a escalada em grau sem os ensinamentos deixarem o Primeiro Grau. Tampouco pode significar que o Obreiro não pretenda jamais progredir, melhorar suas condições intelectuais, evoluir e crescer (moral e intelectualmente) na maçonaria<sup>10</sup>.

O aumento de salário não proporciona apenas uma “escalada” em graus, pois o conhecimento também se amplia grau a grau, muito além do conhecimento do Primeiro Grau. O conhecimento de um será, é certo, a base para o atingimento dos graus superiores, mas, na evolução dos graus,

<sup>9</sup> STF, Recurso Extraordinário nº 562.351/RS, Primeira Turma, por maioria, Rel. Min. Ricardo Lewandowski, julg. 04.09.2012, DJe 14.12.2012.

<sup>10</sup> A esse respeito, v. a crítica de CAMINO, 2013, p., 23, para quem, nas Lojas, encontram-se Ilr□ com escassa

vontade de ilustração e que se mantêm teimosamente comuns. Diz o autor: “São os que afirmam ‘eu sou um eterno Aprendiz’, pois não se acham capazes de progredir, de evoluir, de crescer e voar em busca de altitudes”.

outros aprendizados irão se agregando, incessantemente num crescente contínuo.

O que se pretende, portanto, ao dizer serem os maçons “eternos aprendizes” não é fazê-lo permanecer na condição de “Aprendiz Maçom” para sempre, pois o aprendizado independe do grau alcançado e se torna mais complexo e mais profundo à medida que os graus avançam e o Obreiro evolui. Por isso, para que não se confundam as coisas, talvez seria mais correto dizer que os maçons – independentemente do grau alcançado – estão em situação “eterno aprendizado”.

### 3.3. O que somos, então?

O maçom é, à luz da filosofia maçônica, um eterno estudante dos mistérios da Ordem, disposto a aprender em solução de continuidade, do início da caminhada maçônica até a passagem para o Oriente Eterno. É um ser em busca de permanente aprendizado, mesmo sabedor de que a Verdade absoluta jamais será alcançada, pois só Deus é o seu detentor.

Em especial, o Aprendiz é o escolhido para trabalhar em si seus defeitos, vencer suas paixões, evoluir moralmente, lutar contra os preconceitos e desenvolver-se intelectualmente, para alcançar o ápice da caminhada e encontrar a Luz.

## 4. PARA ONDE VAMOS, SEGUNDO A MAÇONARIA?

O Aprendiz, cômico de suas obrigações, terá todas as condições de evoluir moral e intelectualmente dentro da Ordem, ultrapassando os três primeiros graus simbólicos e avançando para os graus filosóficos, até o ápice da pirâmide.

Essa evolução, contudo, deve ocorrer de forma compassada, fixando-se todas as simbologias do grau e com o foco voltado ao aprendizado futuro dos símbolos e da espiritualidade nos demais graus. Tudo, porém, deve-se dar com a apreensão segura de cada instrução passada pelas luzes do Templo. Se seguido o caminho da reflexão, do rito e dos estudos, o sucesso do Aprendiz no caminhar maçônico, pode-se dizer, estará garantido.

Ao prosseguir no caminho da correção e da virtude, o Aprendiz terá a oportunidade tanto (i) de alcançar a sabedoria dos mistérios maçônicos pela escalada dos graus quanto (ii) de evoluir espiritualmente na busca da luz plena. Esses são dois importantes pontos de análise que merecem a nossa reflexão.

### 4.1. Os caminhos simbólico e filosófico

Sem pretender aqui perquirir – com os trabalhos da Loja abertos no grau de Aprendiz Maçom – sobre mistérios não afetos ao Primeiro Grau, é possível, no entanto, reiterar a existência, em tudo conhecida por Maçons e até mesmo por Profanos, de graus simbólicos e filosóficos na caminhada do conhecimento maçônico.

A Maçonaria Simbólica e a Maçonaria Filosófica comportam estruturas separadas, porém pertencentes a um conjunto único, com um total de 33 Graus (no Rito Escocês Antigo e Aceito). O Grau 33 – “Soberano Grande Inspetor Geral” – é o ápice da pirâmide, em que logra o maçom encontrar a luminosidade plena. Porém, para a análise que ora nos ocupa, cabe apenas referir que não haveria o segundo e o terceiro grau – para ficar apenas na Maçonaria Simbólica – se não houvesse o grau inicial, no qual se apreendem as bases da Maçonaria Simbólica, notadamente a principal delas, que é a concepção de que o homem é imperfeito e necessita lapidar-se, assim como faz o escultor, que transforma a Pedra Bruta em obra de arte.

A escalada de estudos da Arte Real até o grau máximo garante ao maçom o êxito da compreensão espiritual, com luminosidade plena. O percurso desse caminho há de ser realizado à base dos conhecimentos adquiridos nos graus anteriores, como que numa junção de todos eles, para que não paire qualquer mácula sobre o aprendizado e para que a luz seja exuberante.

A caminhada rumo ao desenvolvimento e ao burilamento interior, com desbaste à Pedra Bruta interna de cada qual, leva ao conhecimento dos “Mistérios” maçônicos, ampliados à medida que se conquista um grau mais elevado. Esse caminhar compassado, de estudos e reflexão, com pretensão de evolução intelectual, é a pedra fundamental para atingir e compreender a face espiritual da maçonaria, que é o caminho da Verdade.

### 4.2. O caminho espiritual

Ao avançar no conhecimento dos mistérios maçônicos o eterno aprendiz caminha para burilar a sua espiritualidade, sem a qual não faz sentido manter-se na Ordem, pois os seus trabalhos são todos guiados pela autoridade do Grande Arquiteto do Universo.

A maçonaria, nesse sentido, pode ser considerada, a título de Ordem, como um “patrimônio espiritual” (cf. BAILEY, 2015, p. 68 e ss). Trata-se, a nosso ver, de



patrimônio espiritual em duplo sentido, pois (i) tem em si a espiritualidade necessária ao desenvolvimento do eu interior de cada qual e (ii) comporta a concepção de ordem espiritualizada que obedece não à razão, mas à diretriz que lhe dá um Ser Supremo, que é o Grande Arquiteto do Universo.

O Candidato que pretenda conhecer a Arte Real deve ser (antes do ingresso) já espiritualizado e sabedor de suas limitações enquanto ser humano. Na Ordem, o ingressante deverá desenvolver a espiritualidade obtida no mundo profano, para o fim de evoluir em seu aprendizado, companheirismo e mestrado (para falar apenas dos três primeiros graus simbólicos). Perceba-se, nesse sentido, que ser espiritualizado é um plus da crença no Grande Arquiteto do Universo, pois demanda um exercício proativo de boas intenções na caminhada da evolução moral, que não se compraz com o simples e passivo “aceite” da existência de uma Luz Superior.

Apesar de não ser a maçonaria uma religião e nela não se professar qualquer culto religioso, não há dúvida – já se viu – haver religiosidade em seus trabalhos de Loja, desde a abertura ritualística, a exaltação ao Grande Arquiteto do Universo, até a leitura do Evangelho de São João (Capítulo I, Versículos 1 a 5) do nosso Livro da Lei.

Esse caminho espiritual deve ser fazer presente em todas as sessões em Loja, nos estudos filosóficos e nas pretensões de aumento de salário, dado que a sua simbologia guarda importantes fundamentos bíblicos, a partir do Primeiro Grau.

Desde o antigo Egito que os rituais de Iniciação buscam, por meio da espiritualidade, o encontro com a “iluminação”, pois, ao atingir “um universo novo, o iniciado via literalmente abrir-se diante de si um mundo superior e luminoso onde se situava a verdadeira realidade” (SOUSA, 2009, p. 39). Assim é também na iniciação maçônica, em que se abre para o Neófito um “caminho” de encontro com a espiritualidade e, conseqüentemente, com a pretendida Luz.

#### 4.3. Para onde vamos, então?

O destino da aprendizagem maçônica é dúplice, pois tanto simbólico quanto espiritual. Na caminhada maçônica, o Aprendiz conhece os seus horizontes próximos, as suas dificuldades e há de ter consciência de que apenas por meio do

estudo conseguirá lograr as elevações necessárias para a plenitude dos direitos maçônicos, ao atingir o grau de Mestre.

Essa caminhada de estudos pode ser ampliada também para os graus filosóficos, desejáveis para a exata compreensão dos mistérios da Ordem. Assim, no plano simbólico, será possível atingir o ápice da pirâmide (Grau 33) embrenhando-se nos graus filosóficos, com esmero e dedicação.

No âmbito espiritual, por sua vez, a caminhada reflexiva pode levar ao desejado encontro (no sentido humano, é dizer, falível) da Luz, necessária à preparação do Homem para a vida espiritual em seu Oriente terreno e, especialmente, no plano do Oriente Eterno.

Esse destino – possível a todos os maçons que pretendem realmente elevar-se, moral e intelectualmente – serve não apenas à pessoa, obreira de determinada Loja, senão também à toda a Humanidade, pois as qualidades e virtudes que se desenvolvem na jornada maçônica impactam positivamente na vida extramuros dos Obreiros, no seio da sua família, da sua pátria e, em último grau, também da Humanidade. Daí a missiva conclusiva, e correta, de Bailey: “A maçonaria deve servir à humanidade ou morrer” (BAILEY, 2015, p. 81).

No âmbito espiritual, por sua vez, a caminhada reflexiva pode levar ao desejado encontro (no sentido humano, é dizer, falível) da Luz, necessária à preparação do Homem para a vida espiritual em seu Oriente terreno e, especialmente, no plano do Oriente Eterno.

Esse destino – possível a todos os maçons que pretendem realmente elevar-se, moral e intelectualmente – serve não apenas à pessoa, obreira de determinada Loja, senão também à toda a Humanidade, pois as qualidades e virtudes que se desenvolvem na jornada maçônica impactam positivamente na vida extramuros dos Obreiros, no seio da sua família, da sua pátria e, em último grau, também da Humanidade. Daí a missiva conclusiva, e correta, de Bailey: “A maçonaria deve servir à humanidade ou morrer” (BAILEY, 2015, p. 81).

#### 5. À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao cabo do que se pretendeu aqui investigar é possível concluir que (i) a vida maçônica provém de um chamado, com a conseqüente Iniciação, para que (ii) o escolhido trabalhe e aprenda para a busca da Verdade em ambiente maçônico,

possibilitando-lhe (iii) uma elevação moral e intelectual, tanto no plano simbólico quanto na órbita espiritual.

Essa caminhada do Aprendiz rumo ao conhecimento profundo é labor extremamente complexo, que está a exigir do Obreiro desígnios verdadeiros e puros, não afetos a interesses outros que não a sua evolução como pessoa e cuja concretização possibilita, também, a evolução da sociedade como um todo.

As tarefas destinadas à realização do Obreiro são, no Primeiro Grau, passadas em ambiente ritualístico íntimo, em Loja Maçônica para esse fim constituída, com os trabalhos guiados pela autoridade suprema do Grande Arquiteto do Universo, sob os auspícios do Evangelho de São João.

As Luzes da Loja, notadamente a Vigilância, são de fundamental importância para os Iniciados nesse começo de percurso, porque detêm, a um só tempo, experiência nos graus simbólicos superiores e competência para a orientação dos Aprendizes.

A conquista dos graus mais elevados, tanto simbólicos quanto filosóficos, há de ser natural ao Obreiro-Aprendiz que se dedica com esmero e empenho às suas atividades, com enfoque no estudo dos símbolos do Primeiro Grau, do Rito respectivo (em nosso caso, do Rito Escocês Antigo e Aceito) e das instruções transmitidas pelas Luzes da Loja.

O caminho, na maçonaria, se faz caminhando, exatamente como nos versos imortalizados de Antonio Machado: “Caminante, no hay camino, se hace camino al andar”<sup>11</sup>.

## 6. REFERÊNCIAS

ADOUM, J. **Grau de aprendiz e seus mistérios: 1º grau**. São Paulo: Pensamento, 2013.

AGUIAR, D. N. VIEIRA DE. **O pedreiro livre**. 2 vol. Rio de Janeiro: Aurora, [s.d.].

BAILEY, Foster. **Lo spirito della massoneria**. Trad. Stefano Martonaro. Roma: Instituto Cintamani, 2015.

**BHAGAVAD-GÎTÂ. A mensagem do mestre**. 22. ed. Trad. Francisco Valdomiro Lorenz. São Paulo: Pensamento, 2006.

**BÍBLIA. Bíblia de Estudo de Genebra**. 2. ed. Trad. vários colaboradores. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

CAMINO, R. **O aprendizado maçônico**. 2. ed. Londrina: A Trolha, 2013.

\_\_\_\_\_. **Simbolismo do primeiro grau: aprendiz**. 6. ed. São Paulo: Madras, 2016.

\_\_\_\_\_. **Rito escocês antigo e aceito: 1º ao 33º**. São Paulo: Madras, 2016.

\_\_\_\_\_. **O Delta Luminoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aurora, [s.d.].

CASTELLANI, J. **A maçonaria moderna: elementos sobre o rito moderno**. São Paulo: A Gazeta Maçônica, 1987.

D'ELIA JUNIOR, R. **Maçonaria: 100 instruções de Aprendiz**. São Paulo: Madras, 2007.

DI MARCO, C. M. **La massoneria: storia dalle origini ai nostri giorni**, vol. 1. Palermo: Francesco Giliberti, 1869.

GALLO, F. **Rito di iniziazione massonica: psicoanalisi e metamorfose**. *Formazione Psichiatrica*, anno XXXVIII, nº 1, p. 65-82, 2018.

GOEMT. **Ritual do Aprendiz Maçom: R.:E.:A.:A.:** (Decreto nº 224, de 20.08.2017). Cuiabá, 2017.

\_\_\_\_\_. **O que é a Maçonaria?**. Cuiabá: [s.n.], [s.d.].

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Tradução de Janaina Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2020.

LEADBEATER, C. W. **A vida oculta na maçonaria**. Trad. J. Gervásio de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, [s.d.].

MacNULTY, W. K. **Maçonaria: uma jornada por meio do ritual e do simbolismo**. Trad. José Arnaldo de Castro. São Paulo: Madras, 2006.

PESSOA, F. **Hermetismo e iniciação**. Org. Manuel J. Gandra. Sintra: Zéfiro, 2015.

PESSOA, F.; MATOS, N. DE. **Antologia a maçonaria**. Lisboa: José Ribeiro Editor, 1988.

PESSOA, F.; PIKE, A. **A origem e os ensinamentos da maçonaria: uma explicação clara dos princípios básicos das regras maçônicas**. Trad. Fulvio Lubisco. São Paulo: Madras, 2015.

QUEIROZ, Á. **A maçonaria esotérica: rito escocês antigo e aceito**. São Paulo: Madras, 2016.

SOUSA, R. **Iniciação e mistério no antigo Egito: o caminho de transformação do coração**. Lisboa: Ésquilo, 2009.

<sup>11</sup> Proverbios y cantares XXIX, in Campos de Castilla.